



*este livro
pertence a*

capricho de veludo

capricho de veludo

loretta chase

Tradução de Patrícia Xavier

— Quero duas semanas sem partilhar a sua atenção com ninguém — disse ele. — Só isso.

— Só isso?

— Gostava de ter quinze dias consigo, sem ser relegado para segundo ou terceiro ou décimo oitavo lugar, por causa do seu trabalho.

— E?

Ele sorriu.

— Que desconfiada.

— E? — insistiu ela. — Não que me importe, porque vai perder, mas gostava de saber, ao certo, o que tem em mente.

— Ao certo?

— Sim.

Ele fitou-a por um instante, a cabeça de lado, uma expressão pensativa. Depois avançou. Pousou-lhe as mãos nos ombros, mesmo acima das mangas de balão. Ela permanecia imóvel, o olhar fixo no lenço branco imaculado e impecavelmente dobrado que ele trazia ao pescoço.

— Madame — disse ele.

Ela ergueu o olhar, o que foi um erro.

Viu a boca perfeita dele mover-se nos cantos, um sorriso perigoso desenhando-se-lhe na cara. Viu os olhos dele, verdes como devia ser o mar entre Cila e Caríbdis. Águas traiçoeiras, e ela, que se dizia responsável, tinha vontade de mergulhar nelas.

Então, o sorriso esvaneceu-se, e ele curvou-se e beijou-a.

Em memória da minha mãe

Capítulo Um

BRITISH INSTITUTION: MESTRES ANTIGOS.

Esta exposição anual é a melhor compensação pela iliberalidade com que os nossos grandes *signors* mantêm os seus quadros inacessíveis ao público — retendo, na verdade, as suas coleções num círculo muito restrito.

The Athenaeum, 30 de maio de 1835

British Institution, Pall Mall, Londres
Quarta-feira, 8 de julho

Ele estava deitado, nu, apenas com um pano a cobrir-lhe o sexo. A cabeça caída para trás, olhos fechados, boca semiaberta, ele dormia profundamente, alheio aos faunos que brincavam com a sua armadura e com as suas armas, e àquele que lhe soprava através de um búzio ao ouvido. A mulher encontrava-se por perto, reclinada, com um cotovelo apoiado numa almofada vermelha. Ao contrário dele, ela estava completamente vestida, com roupa branca debruada a ouro, e bem desperta. Fitava-o com uma expressão indecifrável. Os seus lábios sugeriam um sorriso ou um ar reprovador, ou estaria o seu pensamento ausente?

A mente de Leonie Noirot formulou dezasseis respostas diferentes, nenhuma das quais satisfatória. O que parecia bastante claro era o que aquele par estivera a fazer antes de ele — o deus romano Marte, segundo o catálogo da exposição — ter adormecido.

Se Leonie tinha algo mais no pensamento — a razão para estar naquele sítio, por exemplo, ou que sítio era aquele, ou quem ela era —, esquecera-o. Agora nada mais importava ou existia, a não ser o quadro.

Leonie contemplava a obra de Botticelli intitulada *Vénus e Marte*, e bem podia estar noutra planeta ou noutra tempo, de tal modo o quadro

a absorvia. Olhava para ele fixamente, e seria capaz de contar todas as pinceladas, tentando assimilá-lo por completo. O que não conseguia era arredar pé dali.

Se alguém se pusesse à sua frente, era bem possível que estrangulasse essa pessoa. Mas ninguém o fez, o que até era de estranhar. A Exposição Anual de Verão da British Institution continuava a atrair visitantes. Atraía também numerosos artistas, que instalavam os seus cavaletes nas galerias, com vista a copiar as obras dos mestres antigos. Esses artistas tornavam-se, por vezes, obstáculos irritantes, quando tentavam desesperadamente agarrar o que podia ser a sua única oportunidade de copiar obras de coleções privadas.

Contudo, ninguém tapava a vista de Leonie. Ninguém se lhe dirigiu sobre o seu ombro. Ela não se deu conta de nada disto, nem se perguntou porquê. A razão de ali estar não era a arte, mas uma razão específica.

Uma razão da máxima importância... que ela esquecera mal o seu olhar pousara no quadro.

Poderia ter continuado absorta até ao dia do Juízo Final, ou até um dos funcionários da galeria a pôr na rua. Mas...

Um estrondo, súbito como um trovão, quebrou o silêncio da sala.

Leonie sobressaltou-se e recuou, desequilibrando-se.

E embateu numa parede que não devia estar ali.

Não, não era uma parede.

Era algo grande, quente e vivo.

Tinha odor de homem: sabão de barbear, goma e lã. Duas grandes mãos de homem enluvadas, que lhe seguraram os ombros ao de leve e que a endireitaram com delicadeza, confirmaram a primeira impressão.

Leonie virou-se rapidamente, olhou para cima — um bom bocado para cima — e encarou-o.

Ó deuses.

Ou, mais precisamente, ó deus Marte.

Talvez ele não fosse uma reprodução exata da figura no quadro. Para começar, estava vestido, e com roupa cara. Mas o nariz, a testa e a boca eram tão parecidos. E a forma dos olhos ainda mais. Ao contrário dos olhos do deus da guerra, os dele estavam abertos.

Eram verdes, com partículas douradas, como os matizes dourados no seu cabelo louro-escuro. Cabelo que era encaracolado como o de Marte, e sedutoramente rebelde. Nos olhos e na boca, algo que não

podia definir-se tão facilmente sugeria outras formas de rebeldia: um esboço de sorriso e os olhos um pouco abertos de mais, com uma certa inocência. Ou seria imbecilidade?

— Com toda esta excitação, acho que pus um pé debaixo do seu — disse ele. — Peço-lhe perdão.

Não era imbecil.

Mais importante, ele aproximara-se demasiado, e ela não se dera conta. Leonie nunca permitia que alguém a surpreendesse. Em Paris, isso podia ser fatal. Mesmo em Londres era arriscado.

Leonie não deixou que os seus receios transparecessem, como aprendera a fazer havia muito tempo.

— Espero não lhe ter causado danos permanentes — retorquiu, deixando o seu olhar deslizar até ao chão. As botas dele estavam imaculadas. O criado engraxara-lhas com tal zelo, que o brilho devia afugentar o pó das ruas de Londres.

O olhar verde também deslizou para baixo, detendo-se nos pés dela.

— Um pé tão pequeno, envolto num pedaço de cetim com uma tira de pele, causar-me danos? Seria pouco provável, não concorda?

— Os pedaços de cetim e pele são botins a que se dá o nome de *brodequins* — disse Leonie. — E os meus pés não são pequenos, embora seja amável da sua parte fingir que sim.

— Dadas as circunstâncias, achei que devia dizer alguma coisa simpática — disse ele. — Também devia arranjar uma razão inteligente para a ter surpreendido desta maneira. Ou uma razão cavalheiresca, como tentar protegê-la de cavaletes em queda. Mas havia de me achar um idiota. Como se pode ver, o motivo de perturbação está a metros de distância.

Leonie apercebeu-se de que alguém praguejava, uns três quadros à sua esquerda. Do mesmo lado vinha o som de madeira a ranger sobre madeira e o arrastar de um tecido pesado. Leonie não olhou para lá. As raparigas que não mantinham a cabeça fria quando se cruzavam com deuses acabavam por se meter em sarilhos. Bastava perguntar a Dafne ou a Leda ou a Dánae.

Nesse instante, o sol rompeu as nuvens e entrou pela claraboia da galeria, incidindo sobre o cabelo de matizes dourados.

— Talvez estivesse fascinado pelo quadro — disse ela —, ao ponto de se desnortear.

— Essa seria uma bela razão — admitiu ele. — Mas uma vez que o quadro é meu, e que já tive muito tempo para olhar para ele, não serve como desculpa.

— É seu — disse ela. Não procurara o nome do proprietário do quadro na contracapa do catálogo. Assumira que pertencia ao rei ou a um duque real.

— Quero dizer, não sou Botticelli, sabe, o tipo que morreu há uns séculos. Sou Lisburne.

Leonie recompôs-se, voltando a concentrar-se nos negócios, e folheou o seu livro-razão mental, onde tinha um compêndio privado sobre a aristocracia da Grã-Bretanha, bem como informações importantes retiradas dos jornais de mexericos e das conversas das suas clientes mexeriqueiras.

Não teve dificuldade em encontrar a entrada pretendida, uma vez que a atualizara poucos dias antes: *Lisburne* significava Simon Blair, o quarto marquês de Lisburne. Com vinte e sete anos de idade, era o único filho do muito saudoso terceiro marquês de Lisburne, cuja viúva voltara recentemente a casar e vivia em Itália.

Lorde Lisburne, que também vivera no estrangeiro durante os últimos cinco ou seis anos, regressara havia duas semanas, na companhia do seu primo direito e amigo chegado lorde Swanton.

O visconde Swanton era a razão de Leonie se encontrar na galeria de Pall Mall a um dia útil.

Voltou-se e olhou novamente para o quadro. Depois olhou em redor, pela primeira vez, na verdade. Ocorreu-lhe, então, por que motivo ninguém se pusera à sua frente. Em todas as outras paredes da galeria estavam pinturas de paisagens, mortes históricas e mitológicas e batalhas, madonas e outros temas religiosos. O quadro de Botticelli nada tinha a ver com os outros. Nem religião, nem violência e, definitivamente, nada de inocência bucólica.

— Escolha interessante — disse ela.

— Destaca-se, na verdade, agora que fala nisso — disse o marquês. — Ninguém se interessa muito por Botticelli, hoje em dia. Os meus amigos aconselharam-me a contribuir com uma cena de guerra.

— Em vez disso, optou pelo rescaldo — observou Leonie.

Os olhos verdes dele deslizaram para o quadro, voltando, em seguida, a pousar nela.

— Era capaz de jurar que eles estiveram a fazer amor — disse Lisburne.

— E eu era capaz de jurar que ela o derrotou.

— Ah, mas ele há de erguer-se de novo, para... hum... voltar à luta.

— Calculo que sim. — Agora bem de frente para o quadro, Leonie aproximou-se um pouco mais, embora soubesse que corria o risco de se afundar nele. Mais uma vez. Claro que já vira obras de arte igualmente belas... no Louvre, por exemplo. Mas aquela pintura...

O proprietário do quadro pôs-se ao seu lado. Por instantes, fitaram-no em silêncio, um silêncio em que ela sentiu intensamente a presença física daquele homem.

— A expressão de Vénus intriga-me — disse Leonie. — Pergunto-me o que estará ela a pensar.

— Aí está uma diferença entre os homens e as mulheres — replicou Lisburne. — Ele dorme e ela pensa.

— Alguém tem de pensar. E parece que, na maioria das vezes, são as mulheres a fazê-lo.

— Pergunto-me sempre por que não hão de dormir também.

— Não faço ideia — disse Leonie. Na verdade, não fazia. O seu conhecimento do ato físico entre homens e mulheres, embora pormenorizado e preciso, graças à descrição que lhe fizera a sua irmã mais velha, não era, de modo algum, baseado em experiência pessoal. E aquele não era um bom momento para imaginar a experiência, como lembrou a si mesma. O trabalho vinha em primeiro lugar, em último lugar, sempre. Especialmente agora. — O que me ocupa é a aparência das senhoras.

Abriu a sua bolsa, retirou de lá um pequeno cartão e deu-o ao marquês. Era um cartão elegante, como só podia ser, uma vez que a sua loja era a melhor que havia no género em toda a cidade de Londres. Embora do tamanho de um cartão de visita de senhora, gravado e colorido com bom gosto, tinha como objetivo dar a conhecer a Maison Noiro, Modistas de Senhoras, St James's Street, n.º 56.

Ele olhou para o cartão demoradamente.

— Sou uma das proprietárias — disse Leonie.

Lisburne ergueu os olhos, encontrando os dela.

— Não a que é casada com o meu primo Longmore?

Leonie não se admirou por ele ser primo do seu mais recente cunhado. A alta sociedade parecia estar toda ligada por laços de parentesco, e a

família Fairfax, à qual o conde de Longmore pertencia, tinha um núcleo numeroso e abundantes ramificações.

— Não. Essa é a minha irmã Sophy — explicou. — Já agora, ela é a loura. — Era assim que a sociedade se referia às três proprietárias da Maison Noiroit, como Leonie sabia: as Três Irmãs (por vezes, as Três Bruxas ou as Pegas Francesas), a morena, a loura e a ruiva.

— Certo. E uma das três é casada com o duque de Clevedon.

— A minha irmã Marcelline. É a morena.

— Que boa ideia a dos seus pais, terem-nas feito fáceis de distinguir — disse ele. — E que simpático da sua parte elucidar-me. Se eu calhasse a confundi-la, digamos, com a condessa de Longmore, e tentasse insinuar-me junto dela, aquele bruto do marido havia de me agredir, em detrimento do meu lenço. Passei uma meia hora a atá-lo como deve ser.

Leonie era uma experiente mulher de negócios, com vinte e um anos de idade, não uma jovem ingénua. Inspecionou o lenço com um ar profissional. Ou tentou fazê-lo. A tarefa revelou-se bastante mais difícil do que deveria ter sido.

Sob o ângulo bem definido do maxilar de Lisburne, o lenço estava imaculado, e tão impecavelmente dobrado e vincado que parecia esculpido em mármore.

Toda a indumentária era perfeita. Assim como o físico que a exibia.

A mulher dentro de Leonie sentiu-se frívola, e achou que aquela seria uma boa altura para desmaiar. Já a modista observou o lenço com um olho crítico.

— O seu tempo foi bem empregue — declarou.

— Não que faça alguma diferença — disse o marquês. — Ninguém olha para os outros tipos quando *ele* está por perto.

— Ele?

— O meu primo poeta. Tenho uma data de primos. Oh, raios, aí vêm eles.

Leonie apercebeu-se de vozes que se aproximavam, vindas da escada central.

Olhou nessa direção quando os chapéus e as cabeças começavam a aparecer. Os troncos não tardaram a seguir-se. Depois de um momento de aparente hesitação quanto ao caminho a seguir, o grupo, maioritariamente constituído por raparigas, dirigiu-se para a arcada da galeria onde se encontrava Leonie. Aí se detiveram, com um grau moderado de

empurrões e cotoveladas pouco dignos de senhoras. O aglomerado de mulheres abriu alas, para deixar passar um cavalheiro alto, magro e de aspeto etéreo. O jovem usava o cabelo louro demasiado comprido e uma roupa que lhe dava uma elegância teatral.

— Ele — disse lorde Lisburne.

— Lorde Swanton.

— Quem havia de ser, com duas dúzias de raparigas a olhar para ele, todas com a mesma expressão tola?

O olhar de Leonie percorreu as mulheres, todas aproximadamente da sua idade ou mais novas, exceto um punhado de mães ou tias que as acompanhavam, em nome das aparências. Um pouco atrás das adoradoras de Swanton e das relutantes senhoras mais velhas, avistou a cunhada de Sophy, *lady* Clara Fairfax, com um ar entediado. *Lady* Clara estava na companhia de uma jovem pouco atraente e muitíssimo malvestida.

Leonie exultou. Estava ali para aumentar a sua clientela. Isto era mais do que poderia esperar.

Por um instante, quase se esqueceu do deus Marte e até do quadro. Quase. Controlou a sua excitação e concentrou-se novamente em lorde Lisburne.

— Obrigada, vossa senhoria, por ter evitado que eu caísse, como o cavalete daquele pobre artista — disse-lhe. — Obrigada por ter escolhido aquele quadro para emprestar à galeria. Não aprecio cenas de violência, que parecem ser tão populares. E não tenho paciência para os santos. Mas esta experiência foi sublime.

— Que experiência, ao certo? — perguntou ele. — O nosso encontro foi breve, mas cheio de acontecimentos.

Leonie sentia-se tentada a demorar-se ali e a continuar aquele jogo de insinuações. Ele era um parceiro à altura. De resto, para além de ser um homem muito bonito, era aristocrata e proprietário de um quadro que, popular ou não, tinha um valor inestimável. Certamente possuiria centenas de outros objetos sem preço ou espantosamente caros, e duas ou três mansões em vastas propriedades da Grã-Bretanha. Se (ou, mais provavelmente, quando) ele se casasse e/ou se comprometesse com uma amante, assumiria as despesas dessa senhora, pagando-lhe casa, criados, carruagem, cavalos, etc., etc. e, mais importante de todos os *et ceteras*, o seu guarda-roupa.

Mas a rapariga, a amiga de Clara, parecia mal-humorada e prestes a

fugir dali. Um achado daqueles era raro. E, para todos os efeitos, Leonie já captara a atenção de lorde Lisburne. Ou não percebia nada de homens, ou ele havia de passar pela loja mais dia, menos dia.

— Sem dúvida — disse Leonie. — Mas estou aqui em trabalho.

— Trabalho — repetiu ele.

— Senhoras — esclareceu Leonie. — Vestidos. — Com um gesto enérgico, indicou a roupa que trazia, e que passara mais de meia hora a vestir, para visitar a galeria. — Publicidade.

Fez, então, uma mesura rápida e encaminhou-se para onde estava lorde Swanton com o seu séquito. Ouviu um som abafado nas suas costas, mas não podia perder tempo a olhar para trás. A rapariga malvestida estava a puxar *lady* Clara pelo braço.

Leonie apressou o passo.

De olhos postos na amiga de *lady* Clara, não viu o pano do cavalete no seu caminho.

A ponta do seu botim ficou presa e ela precipitou-se para a frente.

Em desequilíbrio, agitando os braços de um modo pouco gracioso, ouviu uma exclamação coletiva, à mistura com risinhos.

Lisburne também não tinha reparado no pano que estava no chão. Estava a admirar a vista de trás da menina Noiroit, embora já tivesse tido a oportunidade de o fazer demoradamente — à distância e, depois, inaceitavelmente perto —, enquanto ela olhava para o quadro de Botticelli, alheia a tudo o que a rodeava.

No momento em que ela se voltara para ele, Lisburne quase vacilara, julgando que a *Vénus de Botticelli* ganhara vida: a mesma cara (ou uma muito parecida) em forma de coração e o mesmo nariz sedutoramente imperfeito... a boca vermelha, com aquela sugestão de um sorriso ou de um pensamento profundo ou de uma recordação perturbadora... o queixo tão determinado.

A mente dele resvalara para fantasias indecorosas, mas os seus reflexos estavam bem afinados. Deu um passo em frente, alcançou-a e ergueu-a nos seus braços, num único movimento ágil.

As roupas das senhoras tinham-se tornado ainda mais extravagantes e inventivas desde que ele partira de Inglaterra, quase seis anos antes. Era difícil perceber que partes de uma rapariga eram reais e quais

tinham sido criadas para efeito artístico. Embora apreciasse efeitos artísticos, Lisburne descobriu, com agrado, que aquilo que parecia um corpo de formas gloriosas tinha muito pouco de artificial. A avaliar pelas partes quentes com que estava em contacto, o corpo dela tinha curvas tão generosas como supusera. E a fragrância que emanava era deliciosa.

Ela arregalou os olhos, olhos de um azul-vivo, que envergonhavam as safiras e os céus da Toscânia, e os seus lábios carnudos entreabriram-se.

— Agora, conseguiu — disse-lhe Lisburne, entre dentes. — Pôs toda a gente a olhar para nós.

Sem exagero. Todos quantos se encontravam na sala tinham parado com o que estavam a fazer ou a dizer, e olhavam para eles, boquiabertos. Quem podia levar-lhes a mal? Não era todos os dias que uma beldade ruiva caía nos braços de um homem.

Apercebendo-se da agitação, mais pessoas surgiam das salas contíguas.

Aquele dia estava a ser bastante menos enfadonho do que Lisburne esperava.

— Menina Noirot!

Swanton abriu caminho por entre as suas admiradoras (pisando alguns pés no trajeto), para chegar depressa junto deles. As admiradoras seguiram-no. Até as primas de Lisburne, Clara e Gladys Fairfax, se aproximaram também, embora nenhuma delas parecesse especialmente interessada ou entusiástica.

— Valha-me Zeus, que aconteceu? — perguntou Swanton.

— A senhora desmaiou — disse Lisburne.

Sabia que várias pessoas tinham visto a modista tropeçar (as poucas que conseguiam tirar os olhos de Swanton). Lisburne olhou em redor, convidando, descontraidamente, quaisquer testemunhas a contradizê-lo. Nenhuma o fez. Até aqueles dois patifes, Meffat e Theaker, tiveram tento na língua, por uma vez.

Claro que *lady* Gladys fez o seu ar de censura, mas nunca ninguém lhe prestava atenção, a não ser quem quisesse ser alvo de uma fúria assassina. Embora ela tivesse regressado a Londres recentemente, após uma ausência de alguns anos, era impossível terem-na esquecido, tal como era impossível esquecer-se a peste, por exemplo, ou o Grande Incêndio, ou um ataque de hidrofobia.

— *Merci* — disse a menina Noirot numa voz muito baixa. Lisburne

não ouviu o sussurro, propriamente, antes o sentiu algures na zona do seu peito.

— *Je vous en prie* — retorquiu.

— Foi só uma tontura — disse ela, num tom mais audível. — Pode pôr-me no chão, vossa senhoria.

— Tem a certeza, *madame*? — perguntou Swanton. — Está ruborizada, e não é de admirar. O calor infernal que faz hoje. Nem corre uma brisa. — Levantou os olhos para a claraboia. Toda a gente o imitou. — E ali está o Sol, a arder sobre nós, como se se tivesse enganado no caminho para o deserto do Sara. Quem terá a amabilidade de ir buscar um copo de água para a *madame*?

Madame? Só então Lisburne se lembrou do elegante cartão que ela lhe dera. Era comum usar-se esta forma de tratamento para com uma modista, independentemente do seu estado civil, sobretudo se ela fosse dona de uma loja cara.

E Swanton conhecia esta modista, pelos vistos. Nunca lhe dissera nada, o fingido. Mas não, o fingimento não estava na sua natureza. O mais provável era que algum êxtase poético se tivesse apoderado dele, fazendo-o esquecer-se de que a conhecia, até voltar a vê-la. Típico.

O pai de Swanton morrera jovem, na batalha de Waterloo, e o pai de Lisburne assumira o papel paterno. Isso fazia de Lisburne o irmão mais velho protetor, uma posição que mantinha ainda hoje, por Swanton ser como era.

— É muito amável, vossa senhoria — dizia ela. — Mas não preciso de água. Já me sinto bem. Foi apenas um desmaio momentâneo. Lorde Lisburne, peço-lhe que me ponha no chão.

Agitou-se um pouco nos braços dele. Foi divertido.

Sendo um homem saudável e em excelente forma, com todos os órgãos a funcionar na perfeição, estava com pouca vontade de a largar. Ainda assim, já que tinha de o fazer, resolveu aproveitar a situação ao máximo, pousando-a no chão com todo o cuidado, fazendo o corpo dela deslizar rente ao seu, centímetro a centímetro, e só a libertando um longo e vibrante segundo depois de ela assentar os pés no chão.

Madame fechou os olhos e murmurou algo, voltando depois a abri-los e presenteando-o com um sorriso. Um sorriso que era tão deslumbrante quanto os seus olhos. O efeito combinado deixou-o ligeiramente tonto.

— *Madame*, se já recuperou as forças, permita-me que lhe apresente os meus amigos — disse Swanton. — Sei que estão ansiosos por conhecê-la.

Os cavalheiros, sem dúvida. Deviam estar em polvorosa para serem apresentados a uma mulher atraente, especialmente dadas as circunstâncias, em que era impossível captarem a atenção de qualquer rapariga do grupinho de Swanton.

Mas as senhoras? Querem ser apresentadas a uma modista?

Talvez não estivesse completamente fora de questão, neste caso, concluiu Lisburne. As três irmãs Noirot tinham-se tornado famosas. Lisburne ouvira falar delas no continente, nos últimos tempos. Dizia-se que o seu trabalho rivalizava com o de Victorine, em Paris, que obrigava até rainhas a fazerem marcação e que as recebia na sua loja.

Lisburne viu o olhar deslumbrante e o sorriso percorrerem a assistência.

— É muito amável, vossa senhoria — disse ela. — Mas hoje já causei incómodo que baste. As senhoras sabem onde poderão encontrar-me: ao virar da esquina, no número 56 de St. James's Street. E as senhoras, como sabe, são a minha única preocupação.

No final do discurso, lançou um olhar a alguém que estava entre o grupo. À prima Clara? E *madame* fez uma mesura e encaminhou-se para a saída.

Os outros viraram costas, as mulheres primeiro. Swanton recomeçou a poetizar ou a romantizar ou o que quer que estivesse a fazer, e foram todos admirar *Hércules entre o Vício e a Virtude*, de Veronese.

Lisburne, por sua vez, ficou a ver a menina Noirot afastar-se. Ela não parecia muito segura nos seus pés, e já não caminhava com a mesma desenvoltura graciosa que ele lhe vira antes. No cimo da escada, agarrou-se ao corrimão e curvou-se.

Leonie não conseguiu sair discretamente.

Louvou os passos do marquês de Lisburne atrás de si. Sabia que era ele, mesmo sem olhar. Talvez ele a tivesse deixado desperta para a sua presença, com a forma extremamente imprópria como a pousara no chão, minutos antes. Leonie ainda se sentia a vibrar.

Ou talvez ele lhe tivesse enviado uma qualquer pulsação através da

sala, do mesmo modo que, segundo as lendas, alguns deuses anunciavam a sua presença com estranhas luzes ou sons mágicos ou perfumes divinos.

— Parece estar com dores — disse o marquês. — Será que posso ajudá-la?

— Estava a tentar sair sem me fazer notada — disse ela.

— Quanto a isso, não há problema. Está toda a gente distraída com o meu primo. O Swanton pôs-se a discorrer sobre o quadro de Veronese, e os outros acham que ele está realmente a dizer alguma coisa. — Enquanto falava, Lisburne pegou-lhe no braço esquerdo e pô-lo em redor do seu pescoço, colocando-lhe depois um braço à volta da cintura.

Ela sentiu dificuldade em respirar.

— Deve doer-lhe que se farta — disse ele. — Pensando melhor, deixe-me dar-lhe uma olhadela ao tornozelo antes de sairmos. Pode estar mais magoado do que julgamos.

Se ele lhe tocasse no tornozelo, ela desmaiava, e não necessariamente por razões médicas.

— Só o torci. Se tivesse sido pior, estava sentada no degrau, a soluçar de dor e de vergonha.

— Posso levá-la ao colo.

— Não — disse Leonie. E só passados instantes acrescentou: — Obrigada.

Começaram a descer a escada, devagar. Leonie ocupou a sua mente com contas de somar, para se distrair do calor do corpo que amparava o seu. Não era fácil. Tinha passado demasiado tempo a olhar para o quadro de Botticelli, e o seu pensamento começara a produzir imagens daquele tronco e daqueles braços musculosos sem roupa elegante vestida.

Quando chegaram ao primeiro andar, o cérebro bem organizado de Leonie estava a enveredar por caminhos estranhos e a dar excessiva atenção às sensações físicas.

Obrigou-se a falar.

— Só espero que as pessoas pensem que fiquei perturbada por causa do breve encontro com o lorde Swanton.

— Posso dizer-lhes isso mesmo, se quiser — replicou Lisburne. — Mas fiquei com a impressão de que já se conheciam.

— Paris — disse ela. — Há séculos.

— Não pode ter sido assim há tanto tempo. Já acusa a idade, mas ainda não está decrépita.

— Foi da primeira vez que ele viajou para Paris — explicou Leonie.

— Há mais de cinco anos, então.

Quando Leonie tinha quase dezasseis anos, e vivia feliz com o seu trabalho e a sua família, especialmente com a sua linda sobrinha bebé, e se regozijava com o sucesso de Emmeline, a esplêndida loja de roupa da prima Emma.

Antes de o mundo se ter desmoronado.

— O lorde Swanton foi à loja da minha prima, comprar um presente para a sua mãe — contou Leonie. — Era educado e de trato amável. Em Paris, os cavalheiros confundiam muitas vezes uma loja de modista com um bordel.

Aqueles que insistiam no erro tendiam a sofrer acidentes desagradáveis.

Uma das primeiras noções que tinham sido inculcadas a Leonie era *Os homens querem uma única coisa*. Para além de ensinar as três irmãs a costurar, a prima Emma ensinara-as a defenderem-se de homens abusadores. Mas não lhes ensinara nada a respeito de lidar com deuses romanos. Era mais difícil do que se julgaria à partida, manter uma atitude racional, embora Leonie fosse a mais racional das três irmãs. Não era preciso muito, vendo bem. Marcelline e Sophy sempre tinham tido a cabeça nas nuvens: eram sonhadoras e maquinadoras e típicas Noirot, típicas DeLucey.

Ele tinha um cheiro tão limpo, como o ar depois da chuva. Como conseguiria aquilo? Usaria perfume? Um sabonete novo milagroso?

Quando chegaram ao rés-do-chão, Leonie já não sentia o tornozelo latejar tanto.

— Acho que consigo caminhar amparada só no seu braço — disse-lhe.

— De certeza?

— O tornozelo está melhor. Não preciso de me apoiar tanto em si.

Na verdade, ela nem precisava de se apoiar, dada a firmeza com que ele a segurava. Sentia cada centímetro do seu braço musculoso e, através de todas aquelas camadas de roupa (combinação, espartilho, vestido e capa), apercebia-se exatamente de onde ele tinha os dedos, por baixo da sua caixa torácica.

Baixou o braço, libertando-lhe o pescoço. Ele largou-lhe a cintura e ofereceu-lhe o seu braço. Ela pousou a mão enluvada sobre a dele, e Lisburne segurou-a com a mesma firmeza com que lhe agarrara a cintura.

Leonie disse para consigo que não havia ali nenhuma intimidade, em comparação com o que fora estar ao colo dele, mas havia anos que nenhum homem se aproximava assim tanto dela. Tal não explicava, no entanto, o facto de sentir necessidade de fugir. Sabia defender-se, não era verdade? E era demasiado esperta para se deixar enfeitiçar por uma cara atraente, por um corpo musculoso e por uma voz grave, sedutora.

Não podia ceder ao pânico. O seu tornozelo estava pouco melhor. Sem ajuda, teria de coxear até à loja, naquele dia quente. E embora o percurso não fosse longo, a última parte era a subir. Quando chegasse, estaria ainda com mais dores, incapaz de fazer o que quer que fosse.

O trabalho em primeiro e em último lugar, sempre. Quando passaram a porta e saíram para Pall Mall, Leonie pôs-se a calcular o valor do património dele, quantas candidatas a esposas e/ou amantes ele teria, e usou os números para reprimir emoções indesejadas, como tantas vezes fazia. A sua trapalhada na galeria podia muito bem afastar a amiga de *lady* Clara. Talvez Lisburne fosse a sua única hipótese de fazer algum negócio, naquele dia.

— Disse qualquer coisa a respeito de trabalho — começou Lisburne.

— Disse? — O coração de Leonie pôs-se a bater depressa. Estaria a falar em voz alta, sem se dar conta? Teria batido com a cabeça, sem dar por isso?

— Ainda há pouco, antes de ir ter com o meu primo.

— Ah, isso — disse Leonie. — Sim. O lorde Swanton está sempre acompanhado de muitas jovens. Ele disse a uma das nossas clientes que viria visitar a galeria British Institution esta tarde. Pareceu-me uma boa oportunidade para mostrar o trabalho da Maison Noiroi a quem ainda não o conhecesse.

— Não tem nada a ver com poesia, então.

Ela encolheu os ombros, e pagou por isso com uma pontada no tornozelo.

— Sou comerciante, vossa senhoria. Não tenho sensibilidade romântica. — Leonie trabalhava desde a sua infância. As raparigas que seguiam lorde Swanton não tinham vivido em Paris nos tempos da cólera,

quando o caos e a miséria se tinham instalado na cidade. A dor, o sofrimento e a morte nada tinham de romântico para ela.

— Admito que fico confuso — disse ele. — Não consigo ver o que tem a poesia de romântico. Tal como a maioria dos homens, creio. O sofrimento parece encantar as mulheres jovens, com algumas exceções. Embora esteja numa idade vulnerável, a prima Clara parecia entediada. A minha prima Gladys estava de mau humor, mas isso também é habitual nela, pelo que não consigo perceber se será uma idólatra ou não.

— A prima Gladys — repetiu ela. — A jovem que estava com a *lady* Clara?

— *Lady* Gladys Fairfax — disse ele. — A filha de lorde Boulsworth. O tio-avô da Clara, sabe, que é um herói militar. Não sei ao certo o que trouxe a Gladys a Londres, embora tenha uma suspeita angustiante. Mas, escute, menina Noirot, acho que não se está a sentir bem.

Tinham chegado ao fundo de St. James's Street, e o calor extremo do dia, quase um prodígio em Pall Mall, envolvia-os agora num vento quente, repleto de poeira de carruagens, cavalos e transeuntes. Leonie tinha uma dor de cabeça quase tão forte quanto a do tornozelo. Estava a tentar lembrar-se de quando fora a última vez que ouvira falar de *lady* Gladys Fairfax, mas as dores, o calor e a confusão impediam-na de se concentrar.

— Chega — declarou ele. — Vou levá-la ao colo.

Dito isto, curvou-se e levantou-a do chão, antes que ela conseguisse protestar, e o protesto, quando saiu, foi abafado pelo lenço que ele trazia ao pescoço.

— Sim, toda a gente vai olhar — concordou Lisburne. — Boa publicidade, não acha? Sabe, acho que começo a perceber como funciona isto dos negócios.

Entretanto, na galeria British Institution

Sir Roger Theaker e o senhor John Meffat estavam entre os poucos que tinham visto lorde Lisburne sair com a menina Noirot. Os dois homens tinham chegado com o grupo de lorde Swanton, mas não o integravam, propriamente, apesar de terem sido colegas de escola do poeta.

Não eram os antigos colegas favoritos de lorde Swanton, visto que

o tinham perseguido sem misericórdia durante quase um ano, até o seu primo tomar conhecimento do que se passava e lhes dar uma tarefa. Várias tarefas. Porque eles eram de compreensão lenta. E ainda eram mais lentos a esquecer.

Tinham-se mantido um pouco à margem do cortejo que seguia lord Swanton, em parte para ficarem a uma distância segura do primo violento.

O olhar de Theaker fixou-se na escada. Quando Lisburne e a jovem ruiva estavam fora do alcance da vista, comentou com Meffat:

— Parece que o Lisburne já arranjou companhia.

— Se há companhia fácil, é a modista francesa — disse Meffat. — Aposto dez libras em como é assim.

— Não tens dez libras — disse Theaker.

— Nem tu.

A atenção de Theaker voltou-se então para o poeta. Observaram a cena durante algum tempo, vendo as jovens avançarem, não muito sub-repticiamente, para ficarem mais perto do seu ídolo, enquanto ele dava uma palestra sobre o quadro de Veronese.

— Emproadinho irritante, não é?

— Sempre foi.

— Só escreve lixo.

— Sempre escreveu.

Ninguém podia acusá-los de não fazerem tudo o que podiam para iluminar o público. Antes de Swanton regressar a Inglaterra, tinham contribuído para vários jornais com meia dúzia de sátiras anónimas sobre a sua poesia, para além de dois poemas jocosos grosseiros. A maioria dos críticos dera-lhes razão.

No entanto, uma jovem popular ignorara as críticas e comprara *Alcinthus e Outros Poemas*, o livro de poesia melancólica de Swanton, e chorara até mais não poder, segundo constava. Dissera a todas as suas amigas que Swanton era o novo lord Byron, ou outro qualquer. Quando deram por isso, os editores não conseguiam dar resposta à procura.

Uma vez que olhar para o emproadinho não era muito divertido, Theaker e Meffat interessaram-se pelo artista azarado, que tinha levantado o seu cavalete e tentava emendar os danos na sua pintura.

Os dois homens aproximaram-se para oferecerem conselhos trocistas e para derrubarem, acidentalmente de propósito, os instrumentos

que ele voltara a colocar nos devidos lugares. Theaker e Meffat sugeriram os seus temas favoritos e debateram se o que estava pintado num canto do quadro se parecia mais com uma touca ou com as partes íntimas de uma mulher. Ocupados a atormentar alguém que era demasiado fraco, pobre ou receoso para lhes responder à altura (o seu habitual *modus operandi*), só viram a mulher que se aproximava quando ela estava já muito perto deles.

— Preciso da vossa ajuda — disse-lhes a mulher.

E eles não se riram, como costumavam fazer sempre que alguém de pouca importância lhes pedia ajuda ou proteção. Nem sequer fizeram sugestões obscenas, o que era estranho, sendo ela tão bonita, loura, elegante e jovem. John Meffat olhou para ela uma vez, depois uma segunda vez, e ficou com um ar deveras perplexo. Lançou um olhar intrigado ao seu amigo, que franziu brevemente o sobrolho, como se lhe ocorresse algo.

Theaker respondeu-lhe um olhar de aviso, e Meffat ficou calado.

Depois, Theaker fez um sorriso muito amável (que lhe deve ter magoado a cara) e disse:

— Certamente, minha cara. Vamos para um lugar menos *público*, e já nos conta tudo.

Capítulo Dois

Embora a *toilette* não deva absorver atenção ao ponto de interferir com os deveres mais elevados da vida, a roupa de uma jovem, por muito simples que seja, é uma demonstração do seu gosto, pelo que deve merecer algum cuidado.

The Young Lady's Book, 1829

Sob o calor intenso, lord Lisburne levou Leonie ao colo até ao cimo de St. James's Street, passando por uma torrente de caras espantadas. Dois veículos emaranharam as rodas um no outro, e um cavaleiro que atravessava a rua foi bater num poste.

Sophy veria ali uma oportunidade de ouro, lembrou Leonie a si própria. Ignorou a dor de cabeça e o tornozelo a latejar e pôs um ar sereno, como se aquele fosse um acontecimento banal, ser levada ao colo para a loja. Levada ao colo por um deus romano. Que nem sequer tinha a respiração ofegante.

Olhando de relance para cima, detetou-lhe o vestígio de um sorriso na boca perfeita.

— Isto é divertido — disse Lisburne. — Que número disse que era? Pois, o 56. Oh, que encantadora, a loja. Muito francesa. O garoto com aquele esplêndido uniforme lilás pertence-lhe?

— Sim — respondeu Leonie, sem olhar. — É o Fenwick, o nosso faz-tudo.

— E ele abre a porta, ou limita-se a ficar ali especado, com aquele ar tão decorativo?

— Uma das suas tarefas é abrir a porta.

Um miúdo de rua que Sophy encontrara numa das suas excursões, Fenwick fora em tempos um aprendiz de ladrão. Depois de lhe lavarem

várias camadas de sujidade, o aspeto de Fenwick revelara-se surpreendentemente angélico. Fazia um enorme sucesso com as senhoras. O rapaz até...

Foi então que Leonie se lembrou. Sophy levara Fenwick para casa num dia em que fora espiar uma modista rival. Para entrar na loja da senhora Downes, Sophy disfarçara-se de *lady* Gladys Fairfax. Ou de acordo com a sua ideia de *lady* Gladys, formada a partir da descrição de *lady* Clara, a que Sophy acrescentara o seu talento inventivo.

Mas Leonie não pôde continuar a pensar em *lady* Gladys. Fenwick abriu a porta, Lisburne entrou na loja com ela ao colo, e todas as empregadas se derreteram de imediato.

Ouviram-se guinchos e gritinhos de «*Madame!*», e as raparigas saltaram de trás dos balcões e rodearam Leonie e Lisburne, depois do que gritaram «Não, não, deixem circular o ar!» e correram no sentido contrário, voltando em seguida para junto deles. Ordenavam umas às outras que fossem buscar água e médicos e sais revigorantes, e começaram todas a discutir. Entretanto, ninguém prestava atenção às clientes, que podiam ter-se ido embora com metade da loja, até com os manequins, enquanto durava aquele ataque coletivo de histeria.

Felizmente, Selina Jeffreys, a gerente da loja, entrou de imediato na zona de exposição, poupando Leonie à necessidade de disciplinar as empregadas. Leonie sentiu-se grata, incomodada como estava pela dor de cabeça. Jeffreys pôs rapidamente ordem na casa e encaminhou lorde Lisburne para a parte de trás da loja. Aí, Leonie dirigiu-o para o seu escritório.

Ele sentou-a numa cadeira. Foi buscar um escabelo e, ignorando os protestos dela em como podia tratar do seu próprio pé, ajoelhou-se e ergueu delicadamente o membro magoado, pousando-o no banco. O toque das suas mãos atravessou o corpo de Leonie como uma corrente magnética, alcançando partes que algumas mulheres não expunham nem quando estavam sozinhas.

— Penso que um tónico vem mesmo a calhar — disse ele, pondo-se de pé.

Parecia perfeitamente calmo. Ela estava a precisar de um banho de gelo.

— Tem alguma objeção a brandy? — perguntou ela.

— Estava a pensar em si — disse ele. — Está com um ar adoentado.

— Fiz uma figura triste diante do poeta da moda — replicou Leonie. — Tropecei duas vezes na mesma sala, e toda a gente vai dizer que eu estava bêbeda. Da segunda vez, fui tão desastrada que magoei o tornozelo. O marquês de Lisburne trouxe-me ao colo pela rua fora, para entretenimento da multidão e desarranjo mental das minhas empregadas. Tenho dores da cabeça aos pés e estou a suar em bica, apesar de não ter feito nada para além de me deixar transportar. Claro que pareço adoentada. E estou furiosa, também, ou tinha-lhe agradecido, antes de desfiar as minhas queixas.

— Não tem nada que agradecer, pode estar certa. Ainda não me tinha divertido tanto desde que eu e o Swanton regressámos a Londres. — Descalçou as luvas. — Onde é que tem o brandy?

Leonie disse-lhe onde procurar e ele serviu um copo para cada um. Depois, começou a andar pelo escritório, como se fosse dono do sítio. Não havia nada de estranho naquela atitude. Os aristocratas achavam sempre que eram donos de todos os sítios, quer o fossem ou não do ponto de vista técnico, uma vez que eram donos de Inglaterra.

Mas depois ele começou a *mexer nas coisas dela*.

Lisburne estava fascinado.

Numa das paredes havia livros de contas, perfeitamente direitos e alinhados em três prateleiras reluzentes. Igualmente envernizada e brilhante, a secretária exibia, para além de um tinteiro, um conjunto de lápis com as pontas letalmente afiadas. Imagens de modelos franceses e algumas cenas parisienses estavam penduradas nas restantes paredes, as molduras muito direitas e equidistantes umas das outras. O que quer que existisse mais naquele gabinete só podia estar guardado nas gavetas e armários bem fechados.

Lisburne pôs a cabeça de lado, para ler as lombadas dos livros, e tirou um do seu lugar. Folheou-o. Nas colunas escrupulosamente traçadas, estavam descritas transações. Ao lado, na mesma ordem rigorosa, colunas de números.

— Nem uma mancha de tinta — observou ele. — Estes registos são seus? Como é que consegue escrever estes números todos e não borrar nada?

— Vossa senhoria, isso é informação financeira privada. — A voz com sotaque ligeiro subiu um pouco de tom.

— Os seus segredos não podiam estar mais seguros — disse ele. — Para mim, são só hieróglifos. Era capaz de olhar para isto dias a fio e continuar a não perceber nada. Não, estou a exagerar. Sei o que significa a tinta vermelha. O meu gestor chama-me muitas vezes a atenção para isso. Quero dizer, chamava, até eu pôr estes assuntos nas mãos do Uttridge, o meu secretário. Ele avisa-me quando estou a resvalar para o território da tinta vermelha.

— O seu secretário é que se encarrega do seu património? — perguntou Leonie, visivelmente horrorizada. — Nem sequer olha para os livros?

Que caligrafia engraçada, a dela! Tão precisa e regular e, todavia, puramente feminina.

— O problema de olhar para os livros é que um homem se vê confrontado com as suas inaptidões — disse ele, esquivando-se habilidosamente à verdade entediante. — Vejo muito pouco vermelho aqui, menina Noirot. E faz tudo isto sozinha, sem Uttridges nem gestores, nem nada? Anota, simplesmente, cada maldito item e o que ele custa, e o que alguém lhe paga e qual é o total e, de alguma maneira, as contas batem certo no fim?

— É esse o meu trabalho — disse Leonie. — A especialidade da duquesa de Clevedon é desenhar roupa. A *lady* Longmore faz a divulgação das criações da Maison Noirot. Eu tomo conta do negócio.

— Encarrega-se do dinheiro, é o que quer dizer.

— Essa é uma parte do trabalho. Contrato e despeço as costureiras, aturo as suas várias crises e histerias, pago os salários a toda a gente e supervisiono todas as compras.

Ele fechou o livro e fitou-a por alguns instantes. Tinha muito para admirar. O rosto extraordinário, primeiro. Os imensos olhos azuis e a boca delicada e o queixo decidido.

O queixo estava de acordo com as colunas de números bem desenhados e sem borrões de tinta.

O vestido pertencia a um qualquer conto de fadas.

Folhos e rendas brancas caíam-lhe numa cascata até à cintura, como espuma do mar. Sob a renda, mangas em balão, tão cheias como almofadas. Da cintura estreita até aos pés, uma saia ondulava: branca, com o que pareciam milhares de flores azuis minúsculas bordadas. Era um vestido tentador, deliciosamente feminino, e dava a um homem vontade de o amarrotar, só para ouvir o roçar do tecido.

Bem, essa não era a *única* razão.

Fora um prazer levar tudo aquilo ao colo rua acima!

Lisburne olhou para a cara e o vestido, e pensou nos números bem desenhados, nas suas colunas perfeitas.

Voltou a arrumar o livro no seu lugar.

Ela soltou um queixume.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe Lisburne. — O pé está a doer-lhe mais? Sirvo-lhe outro copo de brandy?

— Não, não, obrigada — disse Leonie. — Não quero retê-lo mais tempo, vossa senhoria. Foi muito gentil, muito galante.

— O prazer foi meu, pode estar certa. — Começou a inspecionar a secretária dela. — Estava à espera de mais uma tarde entediante a ouvir o Swanton expressar emoções.

Pegou num dos lápis perigosamente afiados e espetou a ponta no seu indicador. Fez uma pequena covinha. Não devia ser letal, a não ser que o usassem selvaticamente, algo que Lisburne não duvidava que ela fosse capaz de fazer. Examinou as canetas e aparos afiados. Quando pousava cada objeto, ouvia-a respirar erraticamente, com pequenos sopros.

— Está com demasiado calor, menina Noiro? — perguntou-lhe. — Quer que abra uma janela? Ou iria apenas deixar entrar o calor do dia?

Ela emitiu um pequeno som estrangulado.

— Se tem mesmo de bisbilhotar, vossa senhoria, e bem sei que os aristocratas gostam de fazer o que lhes apetece, será que pode voltar a pôr os meus objetos no lugar onde os encontrou?

Ele afastou-se da secretária e cruzou as mãos atrás das costas. Não porque se sentisse embaraçado, mas porque estava seriamente tentado a pôr tudo em desalinho, especialmente a ela.

Olhou para o lápis e a caneta, depois, mais uma vez, para os livros de contabilidade.

— Eh, não. Quero dizer, até podia tentar, mas era capaz de não dar bom resultado. É por isso que preciso do Uttridge, sabe? Aborreço-me muito facilmente, e as coisas tendem a ficar desarrumadas. — Tal não estava assim tão longe da verdade. Depois de dominar uma coisa por completo, Lisburne cansava-se.

— Tem a roupa imaculada — observou ela.

Ele olhou para baixo, para a sua roupa.

— Estranho, não é? Não sei como consigo. Bem, tenho o Polcaire, claro, o meu criado pessoal. Não podia passar sem ele.

Contemplou o colete por um momento. Era um dos seus favoritos e sabia que lhe ficava bem. Algum espírito perspicaz lhe devia ter sussurrado isso ao ouvido.

Não, não era um espírito, era Polcaire.

Polcaire: Mas vossa senhoria não pode usar esse colete castanho-avermelhado para uma tal ocasião.

Lisburne: O Swanton é que é a ocasião, o que significa que todas as raparigas vão estar a olhar para ele. Ninguém vai querer saber do que eu tenho vestido.

Polcaire: Nunca se sabe quando se vai conhecer alguém, vossa senhoria.

O que provava que Polcaire não só era um génio entre os criados como também era um oráculo.

Lisburne ergueu os olhos do colete e pousou-os na menina Noiroit.

Um tom rosa muito suave cobria-lhe as faces como uma pequena maré, indo e vindo. Era delicioso de ver.

— Quer que eu arrisque a pôr tudo nos lugares? — perguntou Lisburne. — É bem possível que o meu trabalho não satisfaça os seus padrões de exigência... e tenho a forte suspeita de que é capaz de saltar dessa cadeira para... — Pôs-se a pensar. — Para me atacar com o canivete?

Dava para perceber que ela estava a fazer um esforço por se manter calma. Não era fácil de detetar. A sua cara devia estar num dicionário, na entrada de *inescrutável*. Embora ela fosse ruiva, a sua pele era estranhamente parcimoniosa no que tocava a corar. Todavia, por muitos defeitos que Lisburne tivesse, não era pouco observador, sobretudo quando se tratava de ler as mulheres. Neste caso, estava atento como um falcão. O modo como ela relaxava a sua postura não era, de todo, inconsciente. Lisburne bem via como ela controlava a sua expressão e se obrigava a baixar os ombros.

— Passou-me pela cabeça, sim — disse Leonie. — Mas é muito difícil uma pessoa livrar-se dos cadáveres. Sobretudo dos aristocratas. As pessoas reparam quando um nobre desaparece.

Tendo a porta ficado entreaberta, Lisburne ouviu passos lá fora, um instante depois de a postura dela se ter tornado mais tensa.

Alguém bateu ao de leve à porta.

— *Entrez* — disse a menina Noirot.

Uma das raparigas que Lisburne vira à chegada entrou no gabinete.

— Oh, *madame*, peço imensa desculpa por vir incomodá-la — disse, tanto quanto ele pôde perceber do seu francês excessivamente confuso, antes de ela desistir e começar a falar inglês. — Mas está aqui a *lady* Clara Fairfax com... outra senhora.

— Outra senhora?

O rosto da menina Noirot iluminou-se e ela saltou da cadeira, esquecendo-se momentaneamente do seu tornozelo magoado. Fez uma careta e praguejou baixinho em francês, mas os seus olhos brilhavam e a sua cara alegrara-se.

— Mande-as subir para o gabinete de provas e sirva-lhes algo para tomarem. Vou ter convosco dentro de um minuto.

— *Subir* para o gabinete de provas? — repetiu ele. — Quer dizer que tenciona subir a escada, nesse estado?

— A *lady* Clara veio com a *lady* Gladys Fairfax — explicou. — Não a viu?

— Claro que vi a Gladys. Uma pessoa não pode deixar de a ver, como não pode ignorar um edifício a desmoronar-se ou um dilúvio de quarenta dias. Eu disse-lhe que ela lá estava.

— Refiro-me ao vestido dela.

— Desviei imediatamente o olhar, mas não tão cedo como devia. Era uma catástrofe, como sempre.

O que lhe faltava de bom feitio, Gladys compensava com um excesso de mau gosto.

— Sim — concordou a menina Noirot, a sua cara inescrutável agora radiante, com uma excitação tão incompreensível como encantadora. — Ela precisa de mim. Nem que eu tivesse de rastejar escada acima.

Raios.

E a tarde que estava a correr tão bem.

Logo tinha de aparecer Gladys, como o Velho Marinheiro no banquete do casamento.

— Que disparate — disse Lisburne. — Não pode rastejar escada acima. Ia amarrotar o seu vestido.

Foi ter com ela e ofereceu-lhe o seu braço, antes que ela tentasse coxear até à porta.

— Eu levava-a ao colo — acrescentou —, mas se a Gladys nos visse, ia começar com o seu sarcasmo. Mais do que é costume. E já vai tornar a sua tarde desagradável que baste, não precisamos de piorar as coisas. De certeza que quer fazer isto? Tem tantas raparigas lá em baixo... Não pode mandar uma delas atendê-la?

— Despachá-la para uma mera funcionária? — Apoiou-se no braço dele. — Não há dúvida de que sabe pouco de negócios, vossa senhoria.

— E a menina sabe pouco sobre a Gladys. Mas já vi que estou a perder o meu tempo. Há pessoas que têm de aprender às suas próprias custas.

Acompanhou-a até ao piso seguinte, mas recuou quando viu a porta aberta e ouviu a voz da sua prima. Já estava rabugenta.

Recordou-se, como num pesadelo, da primeira vez que vira Gladys, à espera, na sua casa, após o funeral do seu pai. Uma rapariga de quinze anos borbulhenta, carrancuda e de língua afiada, que não deviam ter deixado sair da escola. E o pai dela! O famoso herói militar, que tentara forçar uma viúva infeliz a comprometer o seu filho com aquela criança insuportável. Lorde Boulsworth agira como se o pai de Lisburne tivesse sido um dos seus oficiais mortos em combate, e lhe coubesse a ele assumir o comando do seu regimento. Como se as mulheres e os filhos e filhas de outras pessoas tivessem de obedecer às suas ordens. Lisburne cruzara-se com Gladys algumas vezes desde que regressara a Londres. À exceção de uma pele espantosamente lisa, não vira nela outros sinais de maturidade. Pelo contrário, Gladys parecia ter-se tornado ainda mais parecida com o seu pai.

— Desculpe-me a covardia, mas vou escapulir-me quanto antes — disse à menina Noirot. — Não lhe faço nenhum favor, se ficar por aqui. Não tenho problemas com a Clara, como é evidente. A Gladys é outra história. Digamos que eu e ela não íamos trocar amabilidades. Se me visse, ia ficar ainda mais rabugenta, se é que tal é possível, e prefiro não dificultar ainda mais o seu trabalho.

...